A NORMA LEXICAL DO INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL REFLETIDA NAS DENOMINAÇÕES PARA *PARTE DO CORPO DA MÃE ONDE FICA O BEBÊ ANTES DE NASCER:* O QUE NOS DIZEM OS DADOS DO ALIB?

Daniel Abud Marques Robbim[26*]
Regiane Coelho Pereira Reis[27**]
Suzana Vinicia Mancilla Barreda[28***]

Introdução

O corpo humano tem sido objeto de instigantes estudos nas mais diversas áreas do conhecimento desde as Ciências Biológicas/Médicas, passando pelas Ciências Humanas e Sociais e, também, pela Linguística.

A Geossociolinguística, por exemplo, com suas particularidades, possibilita verificar de que modo o falante compreende, interpreta e etiqueta a realidade que o cerca. Desta forma, estudar as denominações para corpo humano é conhecer a realidade linguística e, por extensão, aspectos da organização social, política e histórica de determinada região ou sociedade. Mais do que isso, estudar a nomeação de elementos da realidade humana implica compreender a cultura como manifestação autônoma de múltiplas identidades em contextos de convergência e divergência de pensamentos.

Segundo Guérios (1979, p. 122), povos primitivos consideram as partes do corpo humano como seres pessoais e autônomos e, muitas vezes, as crenças acumuladas através de gerações reforçam, ora positiva, ora negativamente, valores sobre o mundo em que vivemos e sobre quem somos. As crenças sobre o corpo humano têm muito a ver com a cultura, conceito abstrato que muito mais facilmente se estende à prática e ao convívio social. Nesse sen-

26. *Mestrando do Programa de Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina/Florianópolis. E-mail: danielabudmr@gmail.com
27. **Professora da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campo Grande. E-mail: regiane.reis@ufms.br.
28. ***Professora do curso de Letras do Câmpus do Pantanal/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Corumbá. E-mail: suzanamancilla@yahoo.es.

tido, o autor pondera que, "numa ilha malaia, perto de Samatra, é interdito falar dos olhos durante a temporada de caça. Trata-se muito certamente, diz Meillet, da superstição do mau-olhado" (GUÉRIOS, 1979, p. 122).

O corpo humano ainda é considerado um tabu para grande parte dos seres humanos e discutir tabus sob a perspectiva científica nos faz, com certeza, repensar nossos valores e formas de interpretar a realidade. O tabu é, nas palavras de Guérios (1979, p. 1), o sagrado-proibido ou proibido-sagrado. Dessa forma, analisar denominações para a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer* implica recuperar parte dessas crenças que são transmitidas por diferentes gerações, crenças diversas sobre maternidade, papéis sociais, a mágica que há no processo de se constituir a maternidade, questões essas muito presentes no cotidiano das pessoas e, no caso deste estudo[29], no universo cultural brasileiro, haja vista que os nomes remetem a tabus predeterminados, reforçados pelas crenças veiculadas por habitantes do interior do estado de Mato Grosso do Sul.

Este estudo analisa denominações para a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer*, a partir de dados geossociolinguísticos cedidos pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)[30], cujos principais objetivos são:

> (i) a descrição da realidade espacial e, consequentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas; (ii) o fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna; (iii) a indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolinguísticos e os demais ramos do conhecimento, sobretudo trazendo elementos da língua que possam aclarar questões de outra ordem do saber cientificamente organizado; e (iv), por fim mas não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação do português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso mas dotado de uma unidade sistêmica (CARDOSO; MOTA, 2013, p. 131).

29. Projeto desenvolvido como Iniciação Científica (modalidade voluntária), na UFMS/Corumbá, sob a orientação da Profa. Dra. Regiane Coelho Pereira Reis. Em decorrência de licença médica da orientadora, a Profa. Dra. Suzana Vinicia Mancilla Barreda (UFMS/Corumbá) assumiu a orientação na fase de finalização do trabalho.
30. Disponibilizados pela Regional Mato Grosso do Sul do Projeto ALiB por meio da orientadora do Plano de Trabalho de Iniciação Cientifica a que se associa este trabalho: Profa. Dra. Regiane Coelho Pereira Reis.

Este artigo, com base em corpus do Projeto ALiB, tem os seguintes objetivos: i) descrever aspectos da realidade léxica do interior de Mato Grosso do Sul na área semântica do *corpo humano*; ii) compreender de que forma fatores sociais atuam na escolha do falante por uma ou mais denominação para o mesmo referente; iii) interpretar aspectos da difusão lexical nas cidades do interior de Mato Grosso do Sul que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB; iv) relacionar indícios de conservadorismo e/ou de inovação no léxico de falantes das áreas investigadas.

1. Fundamentação teórica

Cardoso (2001, p. 26) data os estudos dialetológicos propriamente ditos no século XIX, quando havia uma preocupação formal com questões relacionadas ao indivíduo e ao espaço em que se situava, na esteira das teorias evolucionistas e cientificistas da época. Esse caráter empírico da investigação despertou em vários pesquisadores o anseio de descrever os chamados dialetos, ou seja, falares específicos de determinada região/comunidade de fala[31].

Inicialmente, essa disciplina tinha caráter exclusivamente monodimensional, ou seja, buscava descrever a variação regional dos dialetos tão somente na dimensão diatópica.

Com o surgimento da Sociolinguística, surge o conceito de dialeto social que, nas palavras de Preti (2003, p. 13), designa a habitual subvariedade de fala de uma comunidade, restrita por operações de forças sociais a representantes de um grupo étnico, religioso, econômico ou educacional específico. Do ponto de vista do mesmo autor, as variações extralinguísticas, ou seja, aquelas que estão intrinsecamente ligadas ao lugar do social na variação, podem ser de três tipos: 1) geográficas; 2) sociológicas; 3) contextuais.

A visão que se tinha nos primórdios da Dialetologia monodimensional é que a correlação entre linguístico e social poderia ser realizada em somente um desses níveis, dando-se primazia, à época, ao geográfico, objeto de estudo por excelência dos estudos dialetológicos.

31. Isso no século XIX, quando não havia aflorado o conceito laboviano de comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972]).

Brandão (1991), por sua vez, menciona que, na Antiguidade Clássica, os gregos já possuíam a preocupação de delimitar as variedades regionais de seu idioma. Os romanos, por exemplo, segundo a mesma autora, definiam as classes sociais por meio da distinção entre *sermo urbanus, sermo plebeius* e *sermo rusticus.*

Já Iordan (1962) atribui o pioneirismo das pesquisas dialetológicas de cunho românico ao italiano Graziadio Isaia Ascoli que propôs o estudo empírico de dialetos italianos, em oposição ao estudo excessivamente formalista e mecanicista dos neogramáticos.

Contemporaneamente, Romano (2014, p. 143) sinaliza a importância da França para os estudos geolinguísticos, visto que o berço da Geografia Linguística é reivindicado por esse país devido ao bem sucedido (1909)–ALF–Atlas linguistique de la France de autoria de Jules Gilliéron e Edmond Edmont (1854–1926).

É necessário, também, distinguir Dialetologia e Geolinguística. De acordo com o mesmo autor, classicamente, a Geografia Linguística se constitui um método da Dialetologia.

> Contudo, atualmente, o fazer geolinguístico, sobretudo a partir da década de 1990, deixou de ser apenas um passo metodológico, uma vez que a representação da variação linguística em mapas especiais (COSERIU, 1991) tem exigido dos pesquisadores mais do que a técnica de cartografia, embora se valha dela para representação dos dados (ROMANO, 2014, p. 149).

Modernamente, uma Geolinguística que incorpora traços da Sociolinguística, muitas vezes denominada de Geossociolinguística, já é tratada como uma subdisciplina vinculada à Dialetologia e, não mais, um método de pesquisa.

Grande parte dessa independência relativa se deve à inclusão das dimensões diastrática, diageracional, diassexual, diarreferencial e diafásica – aquelas que Preti (2003) convencionou chamar de sociológicas – na metodologia dos atlas linguísticos mais recentes, o que torna a Dialetologia uma disciplina pluridimensional, contemplando várias dimensões sociais – como

sexo, faixa etária, nível de escolaridade ou grau socioeconômico – focadas no falante e que, complementares à análise geográfica, explicam muitas das características e particularidades dos dialetos e das normas regionais.

O trabalho com a cartografia linguística (representação de dialetos em mapas) é uma das particularidades que definem a Dialetologia e, por extensão, a Geossociolinguística. A elaboração de atlas linguísticos, instrumentos confiáveis e didáticos que dão conta de representar, por exemplo, diferenças regionais de sotaque, vocabulário, dentre outros aspectos linguísticos. Para que se chegasse, no entanto, à noção de Geossociolinguística, enquanto uma disciplina dialetológica, foram necessárias várias incursões anteriores, realizadas por diversos pesquisadores brasileiros desde o século XIX.

No Brasil, a história da Dialetologia evidencia quatro fases bem demarcadas. A primeira delas, de acordo com Cardoso e Mota (2013, p. 117), vai de 1826 a 1920, e foi iniciada com os estudos do Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, visando a fornecer informações contrastivas entre o português brasileiro e o português europeu, contribuições essas que fizeram parte do *Atlas Ethnographique du Globe*, de autoria de Adrien Balbi. Percebe-se que, já naquela época, ainda que precariamente, contrastavam-se normas lexicais distintas, ou normas regionais, a depender da perspectiva adotada.

A segunda fase da Dialetologia brasileira tem por marco a publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, estendendo-se de 1920 a 1952. Essa é uma fase que, segundo Cardoso e Mota (2013), demonstra a maior preocupação dos pesquisadores com o processo de divisão dialetal do Brasil, de forma a representar mais fidedignamente o que seria a realidade linguística brasileira.

A terceira fase, por sua vez, se inicia em 1952, com a proposta de elaboração de um atlas linguístico brasileiro, missão deliberada pela Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, e que motivou a produção pioneira de uma série atlas linguísticos regionais nos anos posteriores, como o APFB–Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963); o EALMG–Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO *et al*, 1977), o ALPB – Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO; MENEZES, 1984); o ALS – Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA *et al*, 1987); e o ALPR – Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994). Esses primeiros atlas linguísticos produzidos no Brasil

caracterizaram-se pelo rigor metodológico e pela fixação de bases que orientaram, de forma mais adequada, as pesquisas de campo. Essa terceira fase se finda em 1996, quando inicia a quarta fase da Dialetologia Brasileira, a partir do Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, também segundo a proposta de Cardoso e Mota (2013).

Nos últimos 25 anos, os estudos dialetológicos e/ou geossociolinguísticos no Brasil avançaram de forma significativa, e o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) contribuiu de forma decisiva para a solidificação das pesquisas dialetais/geossociolinguísticas em território brasileiro.

O léxico é um dos níveis linguísticos documentados pelos atlas linguísticos. Na visão de Orsi (2012, p. 167), o léxico configura-se como objeto primordial dos estudos lexicológicos, o exame do léxico nos permite conhecer a história, os costumes e os hábitos de um povo. Mais do que isso, conhecer o léxico é também resgatar aspectos da identidade de um povo uma vez que a norma convenciona os comportamentos e regula a vida em sociedade. Assim, a norma, refletida no léxico, materializa mudanças históricas e socioculturais.

O conceito de norma data da década de 1950, a partir da reformulação do modelo saussureano de língua/fala para o modelo sistema/norma/fala, de autoria de Eugenio Coseriu (FARACO; ZILLES, 2017). O linguista romeno introduziu o conceito de norma como estágio intermediário entre a língua e a fala para poder dar representação ao uso social variável, ou seja, às diferentes variedades sociais constitutivas da língua (FARACO; ZILLES, 2017, p. 26).

Os mesmo autores apresentam as seguintes definições de norma, um termo ambivalente da área da Linguística que:

> Tem, nos estudos da linguagem verbal, dois sentidos:
> **a.** um geral: norma equivale à variedade linguística – a toda e qualquer variedade linguística; e
> **b.** um específico: norma equivale a um conjunto de preceitos que definem o chamado bom uso, o uso socialmente prestigiado (FARACO; ZILLES, 2017, p. 12).

Para este estudo, consideramos o conceito **a** de norma que, na visão da sociolinguista e do dialetólogo, refere-se àquilo que está convencionado en-

tre os falantes de determinado grupo social. A norma pode ser tanto regional quanto social. Este estudo prioriza a norma lexical regional, especificamente a do interior do estado do Mato Grosso do Sul.

Isquerdo (2006, p. 13) ressalta que, considerando a dimensão continental do Brasil, os diferentes brasis que singularizam a realidade brasileira refletem-se no uso da língua, permitindo o estabelecimento de áreas dialetais no falar brasileiro. E cada área dialetal possui sua norma própria, o seu jeito particular de refletir as identidades e as relações de poder que se estabelecem naquele determinado lócus.

Estreitando ainda mais o conceito **a** de norma, mencionado por Faraco e Zilles (2017), podemos subdividi-la em duas outras categorias, tomando-se, para tanto, a perspectiva de Biderman (2001a *apud* ISQUERDO, 2006, p. 15), de que existem normas gerais (por exemplo, a da nação brasileira), e normas locais/regionais (no caso deste estudo, a norma lexical sul-mato-grossense) que, por sua vez, estão bem representadas nas denominações para a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer.*

2. Metodologia

O rigor metodológico continua a figurar entre as principais características da quarta fase da Dialetologia no Brasil, segundo Cardoso e Mota (2012), que tem início a partir da implantação do Projeto ALiB, de natureza pluridimensional que, em sua metodologia, considera, além de variáveis diatópicas, variáveis sociais. Desta forma,

> para atender à variação social, os informantes, em número de quatro em cada ponto — exceto nas capitais de Estado, onde são oito —, estratificam-se quanto ao gênero — quinhentos e cinquenta homens e quinhentas e cinquenta mulheres —, à faixa etária — a primeira de 18 a 30 anos e a segunda, de 50 a 65 anos — e, nas capitais, ao nível de escolaridade — fundamental e universitário (CARDOSO; MOTA, 2012, p. 861).

Além disso, o informante deve ser natural da localidade, onde deve ter passado pelo menos 2/3 de sua vida e filho de pessoas naturais da mesma área linguística (CARDOSO; MOTA, 2012, p. 861). Considerando, pois,

esses princípios metodológicos, pode-se delimitar com maior precisão os traços linguísticos que diferenciam determinada norma regional de outra próxima ou, até mesmo, distante. Além disso, essa caracterização dos informantes permite investigar particularidades dos falares feminino e masculino de determinada região e, ainda, identificar indícios de mudança linguística em tempo aparente, ao contrastar as formas lexicais mais utilizadas por jovens e por idosos, em uma perspectiva quantitativa, herança dos estudos labovianos (LABOV, 2008 [1972]).

Para a coleta dos dados linguísticos, o Projeto ALiB definiu uma rede de pontos composta de 250 localidades distribuídas por todos os estados da Federação[32]. Neste estudo foram contemplados os cinco pontos da rede localizados no interior de Mato Grosso do Sul.

Ainda em se tratando da metodologia, o Projeto ALiB adotou, para fins de coletas de dados, um questionário linguístico que reúne três questionários específicos voltados para cada nível linguístico: questionário fonético-fonológico (QFF), questionário morfossintático (QSM) e semântico-lexical (QSL) (COMITÊ NACIONAL..., 2001).

Para este trabalho, foram analisados dados coletados por meio do questionário semântico-lexical, mais especificamente, as respostas obtidas para a pergunta 113 do QSL/ALiB: *como se chama* a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer*. A análise dos dados foi realizada considerando os seguintes tópicos a serem discutidos sequencialmente:

- análise geossociolinguística das respostas obtidas para a questão selecionada, considerando as dimensões diatópica, diassexual e diageracional;
- análise etimológica das formas lexicais mais produtivas obtidas como resposta para a questão em foco;

32. Cf. detalhamento dessa rede de pontos no site do Projeto ALiB: https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos.

- análise léxico-semântica das unidades lexicais mais produtivas extraídas do *corpus* do Projeto ALiB, recolhido nas localidades da rede de pontos do interior de Mato Grosso do Sul (quadro 1).

Quadro 1. Rede de pontos do Projeto ALiB no interior do estado de Mato Grosso do Sul.

Número do ponto	Localidade
Ponto 112	Coxim
Ponto 113	Corumbá
Ponto 114	Paranaíba
Ponto 116	Nioaque
Ponto 117	Ponta Porã

Fonte: Elaboração dos autores.

Deste modo, consideramos as respostas fornecidas pelos vinte informantes entrevistados pela equipe do Projeto ALiB, quatro em cada uma das localidades que compõem essa rede de pontos. Dos quatro informantes entrevistados em cada ponto da rede, dois são homens e dois são mulheres, sendo um homem jovem, um homem idoso, uma mulher jovem e uma mulher idosa.

Esse perfil de informantes contribui para a compreensão de particularidades específicas motivadas pela própria identidade dos falantes das regiões selecionadas, além da maneira como as características sociais dos informantes interferem no modo como eles enxergam e configuram o seu entorno.

A dimensão diastrática, especificamente no que diz respeito ao nível de escolaridade, não é de tanta relevância para este estudo, tendo em vista que nas cidades do interior, foram entrevistados apenas informantes com nível de escolaridade fundamental.

3. Análise geossociolinguística

A questão 113 do QSL/ALIB, *como se chama a parte do corpo da mãe onde fica o bebê/nenê antes de nascer*, aplicada a falantes do interior de Mato Grosso

do Sul, resultou no registro de cinco denominações: *útero, barriga, ventre, bolsa* e *placenta.* A forma mais produtiva, no conjunto dos dados, foi *útero,* com produtividade de 50%. Observa-se o registro de uma variante menos específica e pouco relacionada com o significado da denominação buscada: *placenta*[33], que pode ter sido utilizada em uma relação metonímica com *útero.*

Tabela 1. Produtividade das denominações para a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê/nenê antes de nascer* no interior de Mato Grosso do Sul.

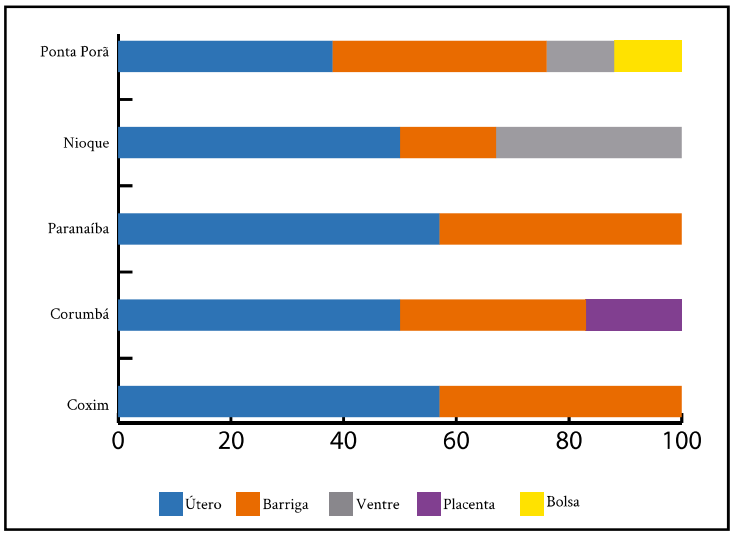
Variante	Número de ocorrências	Produtividade
Útero	17	50%
Barriga	12	35%
Ventre	3	9%
Bolsa	1	3%
Placenta	1	3%
Total	34	100%

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do Projeto ALiB.

Considerando a dimensão diatópica, a Tabela 1 possibilita a visualização da produtividade das cindo denominações catalogadas.

33. Tendo em vista a variante *placenta* ter tido ocorrência única, não foi contemplada na análise léxico-semântica dos dados. De acordo com o dicionário Aulete Digital (2006), *placenta* denomina o "Órgão formado no interior do útero grávido e que, por meio do cordão umbilical, estabelece a ligação do feto com a mãe, para alimentação, oxigenação e eliminação de gás carbônico e resíduos nitrogenados; TROFOSPERMA". Explica-se, a partir dessa relação, a inferência que o falante possa ter feito ao fazer essa escolha lexical.

Gráfico 1- Denominações para a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer* no interior de Mato Grosso do Sul – dimensão diatópica da variação.



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do projeto ALiB.

Analisando-se os dados representados no gráfico 1, nota-se que a unidade lexical útero é a mais produtiva em todas as localidades pesquisadas. Todavia, entre os falantes de Ponta Porã, observa-se certa tendência de diversificação quanto ao ato de denominar o referente em pauta. Útero e *barriga* concorrem, com a mesma porcentagem de uso, nessa cidade, ao contrário das demais localidades do estado em que impera a forma linguística útero. Importa mencionar que a forma *ventre* foi registrada, pontualmente, apenas na mesorregião Sudoeste do estado, mais especificamente em Nioaque e em Ponta Porã.

Considerando-se os dados obtidos por meio da pergunta 113 QSL/ALiB, segundo a dimensão diassexual, tem-se a seguinte distribuição (tabela 2):

Tabela 2- Produtividade das denominações para a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê* considerando a dimensão diassexual.

Denominações	Homens	Mulheres
Útero/variantes	53%	47%
Barriga	40%	32%
Ventre	7%	11%
Placenta	0%	5%
Bolsa	0%	5%

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do Projeto ALiB

A tabela 2 mostra que a maior parte dos homens utiliza a variante *útero* para nomear a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer.* O repertório lexical dos homens para nomear o referente contemplado pela pergunta e análise é mais homogêneo, portanto menos diversificado.

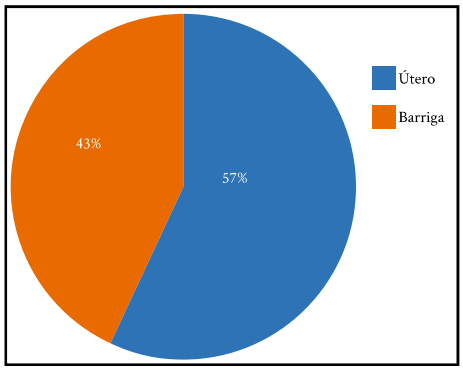
Por sua vez, a forma *placenta* foi registrada, ainda que minimamente, apenas no falar feminino. Todavia, não podemos afirmar que se trata de uma variante específica do léxico feminino do interior do Mato Grosso do Sul, uma vez que teve ocorrência única, além de o seu significado pouco se aproximar ao descrito na pergunta 113 QSL/ALiB, o que nos faz crer que pode ter havido uma associação metonímica como já mencionado.

Em geral, no âmbito deste estudo, o léxico das mulheres do interior de Mato Grosso do Sul se mostrou mais diversificado e heterogêneo do que o do universo masculino. Os homens apontaram três variantes para nomear o conceito em questão enquanto as mulheres computaram cinco denominações, o que permite inferir a existência de maior grau de variação no universo feminino, justamente por integrar de forma mais ativa o seu vocabulário, sobretudo, quando o assunto é maternidade. Mais adiante, na seção destinada à análise léxico-semântica, são discutidos indícios de traços de conservadorismo e de inovação vocabular no falar dos homens e das mulheres, no que diz respeito a essa temática.

Considerando-se, agora, o cruzamento entre as variáveis sexo e faixa etária, observamos que 57% dos homens jovens mencionaram a variante *útero,* contra aproximadamente 43% de registro da forma variante *barriga.* Prevalece,

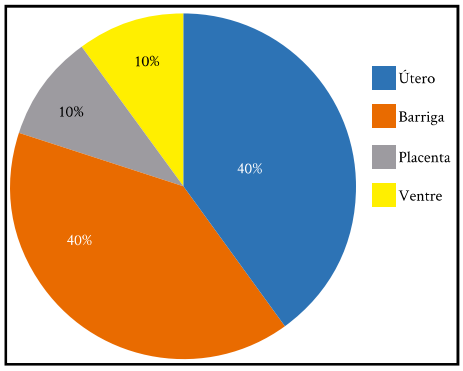
por conseguinte, a utilização do termo mais científico e específico (útero) no vocábulo dos homens jovens, em detrimento da forma mais geral e menos técnica (*barriga*). Entre as mulheres jovens, 40% citaram a forma técnico-científica, *útero*, enquanto 40% destas utilizaram o item lexical mais geral, *barriga*. Coexistindo, em menor escala, no vocabulário das mulheres jovens estão com 10% (uma ocorrência cada) as variantes *placenta* e *ventre* (gráficos 2 e 3).

Gráfico 2- Produtividade das denominações para a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer* entre homens jovens em localidades do interior de Mato Grosso do Sul.



Fonte: Elaboração dos autores.

Gráfico 3- Produtividade das denominações para a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer* entre mulheres jovens em localidades do interior de Mato Grosso do Sul.

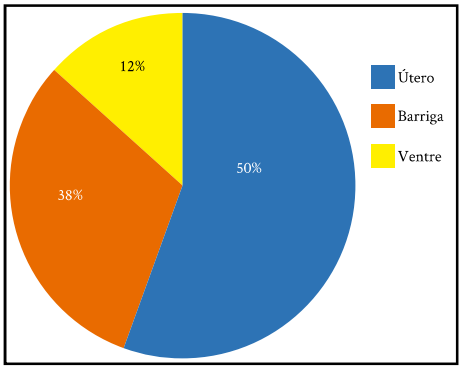


Fonte: Elaboração dos autores.

Verificamos, pelos gráficos 2 e 3, o não equilíbrio entre a produtividade da unidade lexical *útero* segundo as variáveis sexo e idade o que não permite argumentar em favor de uma possível covariação na fala dos homens jovens, universo em que a forma *útero* é muito mais produtiva. Em contrapartida, no léxico das falantes femininas, esse item lexical divide a sua produtividade com a forma *barriga*, em uma relação de coexistência de variantes.

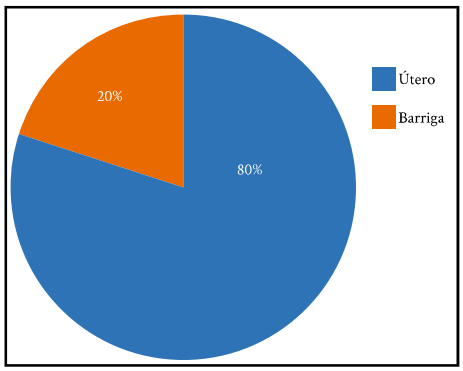
Analisando o vocabulário dos homens idosos, podemos destacar que a forma mais produtiva foi *útero*, com 50% de registros, enquanto 38% dos homens idosos utilizaram a variante *barriga*. Por sua vez, útero foi a unidade léxica mais difundida no léxico das informantes idosas do sexo feminino. Esses dados seguem representados nos gráficos 4 e 5:

Gráfico 4- Produtividade das denominações para a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer* entre homens idosos em localidades do interior de Mato Grosso do Sul.



Fonte: Elaboração dos autores.

Gráfico 5- Produtividade das denominações para a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer* entre mulheres idosos em localidades do interior de Mato Grosso do Sul.



Fonte: Elaboração dos autores.

Cotejando-se as diferentes faixas etárias com a variável sexo, percebe-se que, enquanto as mulheres mais jovens evidenciaram maior número de variantes para denominar o referente em destaque, as mulheres mais idosas apresentaram maior homogeneidade vocabular no que tange às respostas para a questão 113 QSL/ALiB. Isto é, as mulheres jovens, ao denominarem a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer*, forneceram denominações mais criativas e inovadoras que as idosas.

Os homens jovens, ao contrário, deram mostras de maior homogeneidade ao denominarem a parte do corpo da mulher, informando apenas duas variantes – por sinal, as mais comumente utilizadas – enquanto os homens idosos citaram três formas lexicais para nomear o mesmo, levando-se em consideração *ventre*. Ou seja, neste estudo os homens idosos evidenciaram maior heterogeneidade na nomeação do referente em questão do que os homens jovens, contrariamente à tendência evidenciada pelo sexo feminino.

Merece reflexão também o caso da denominação *ventre* que, conforme percebido na análise diatópica dos dados, só teve ocorrência na mesorregião Sudoeste do estado. Todavia, fato mais curioso ainda é que essa unidade lexical só foi mencionada por mulheres jovens (com maior frequência) e por homens idosos (com menor frequência), o que leva a crer que não haja gran-

de interferência diageracional na utilização dessa variante, corroborando a hipótese de que o uso de *ventre* se configura mais como um traço linguístico regional no nível lexical.

Na sequência, passaremos à análise etimológica dos dados.

4. Análise etimológica

Muitas vezes, faz-se necessária a consulta a dicionários etimológicos para que se possa compreender o menor ou maior grau de conservadorismo de determinada variante lexical em relação a outra. Com esse objetivo, recuperamos, pautados em critérios cronológicos, a datação das denominações mais produtivas[34] para nomear a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer*.

Quadro 2. Etimologia das denominações mais produtivas para a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer* em localidades do interior de Mato Grosso do Sul.

Denominação	Datação/origem
Útero	*sm.* 'órgão onde se gera o feto dos mamíferos' 1813. Do fr. *utérus*, deriv. Do lat. *uterus – i* ||
Barriga	*sf.* 'bojo, saliência' 'ventre' XV. De *barrica* ||
Ventre	*sm.* 'cavidade abdominal' XIII. Do lat *venter – tris* ||

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Cunha (2010).

Mensurando marcas de conservadorismo ou inovação de uma variante ou outra a partir da análise etimológica, chegamos à conclusão que, por questões cronológicas, ainda que com um significado não tanto específico como o que buscamos, *ventre* é a forma mais conservadora, datada ainda no século XIII e proveniente do latim.

Barriga é a segunda forma cronologicamente mais conservadora, já constando no léxico da língua portuguesa do século XV, e concorrendo desde então com a unidade lexical *ventre*. A variante mais recente e, por conse-

34. Para tanto, foram consideradas somente as unidades lexicais com duas ou mais ocorrências.

guinte, a mais frequente no léxico em geral dos falantes do interior de Mato Grosso do Sul, sobretudo no falar dos jovens, é útero, datada de 1813, com seu caráter predominante terminológico e científico de definição médica, o que será discutido a seguir na análise léxico-semântica.

5. Análise léxico-semântica

Para fins de análise léxico-semânticas, foram consideradas apenas as variantes mais produtivas do *corpus* em análise: útero, *barriga* e *ventre*. Para subsidiar essa etapa da análise foram selecionados os seguintes dicionários gerais da língua portuguesa: Aulete Digital (2006); Michaelis Online (2015); Dicionário Priberam Online da Língua Portuguesa (2008/2021). Além desses, foi consultado a obra *Semiologia Médica* (PORTO, 2005), específico para terminologias médico-científicas. No Quadro 3, são registradas, para fins de comparação, as definições apresentadas para útero nos registros lexicográficos analisados:

Quadro 3: Acepções para útero nos registros lexicográficos analisados.

Registro lexicográfico	Acepções
Semiologia Médica (PORTO, 2005)	O útero é feito para reter o óvulo fecundado, propiciando-lhe condições para desenvolvimento e crescimento. (PORTO, 2005, p.862)
Dicionário Caldas Aulete Digital (2006)	sm. **1.** Anat. Órgão do aparelho feminino no qual é gerado o feto dos mamiferos; MADRE; MATRIZ: Quanto ao local da terra, estou no próprio útero da Dona Marta, quem quer que tenha sido esta boa senhora... (Antonio Calado, *Bar Don Juan*)) [F.: Do lat. *uterus, i.* Ideia de 'útero': *hister(o)-*[1] (*histerotomia*), *metr(o)-*[2] (*metralgia*) e *uter(o)-* (*uterorragia*).]

Dicionário Michaelis Online (2015)	Sm ANAT Órgão genital feminino, musculoso, oco e elástico, que recebe o óvulo fecundado, o conserva durante seu desenvolvimento e o expele ao término da gestação; madre, mãe do corpo, matriz.
Dicionário Priberam Online da Língua Portuguesa (2008/2021)	(latim *uterus, -i*, ventre, útero), *substantivo masculino* [Anatomia] Órgão em que se gera e desenvolve o feto dos mamíferos. = MADRE, MATRIZ

Fonte: Elaboração dos autores, a partir das definições fornecidas pelos referidos registros lexicográficos.

A definição proposta para *útero* por Aulete Digital (2006) norteia-se pela classificação taxonômica (critério biológico), sendo acrescido um exemplo da literatura extraído do texto de Antonio Calado, o que demonstra que essa variante figura em textos literários, também uma fonte legítima de representação dos falares regionais e sociais. Aulete Digital (2006) ainda traz a definição por sinonímia (MADRE/MATRIZ).

A acepção registrada no Michaelis Online (2015) para *útero* se mostra tão interessante quanto a de Aulete Digital (2006), à medida que fornece sinônimos consistentes já mencionados pelo dicionário anterior, *madre* e *matriz*, bem como *mãe do corpo,* ausente no verbete *útero* apresentado por Aulete Digital (2006), unidades lexicais típicas da oralidade, mas que não foram elencadas no rol das variantes analisadas no âmbito deste texto. Além disso, o Michaelis Online (2105) delimita de maneira mais técnica a terminologia em destaque, descrevendo de forma concisa a morfofisiologia do órgão e o próprio processo da gravidez. Há de se levar em conta que tanto o Aulete Digital (2006) quanto o Michaelis Online (2005) e o Priberam (2008/2021) registram a marca de uso ANT antes da definição do item lexical *útero*, reforçando o caráter técnico-cientifico desse item lexical.

O Priberam Online (2008/2021) define *útero* anatomicamente e, da mesma forma que o Michaelis Online (2005) e, em uma relação de sinonímia, traz outras variantes não documentadas no *corpus* em estudo: *madre* e *matriz*. A definição é bastante próxima àquela proposta pelo Aulete Digital (2006).

O Quadro 4 reúne as acepções fornecidas pelos registros lexicográficos consultados para a unidade léxica *barriga*.

Quadro 4. Acepções para *barriga* nos registros lexicográficos consultados.

Registro lexicográfico	Acepções
Dicionário Caldas Aulete Digital (2006)	sf. **1.** Anat. Região frontal do corpo, entre o tórax e a bacia.; ABDOME; VENTRE **5.** Dilatação do ventre, devido ao desenvolvimento do feto, na gravidez*: Está com uma barriga de oito meses.* **Barriga de aluguel** **1** Mulher, ou, mais especificamente, seu útero, que desenvolve a gravidez de um feto de óvulo fecundado fora dela (p.ex., por inseminação artificial) e nela implantado. **Carregar uma barriga 1** MA Estar de barriga, estar grávida. **Pegar barriga 1** Ficar grávida ou prenhe; engravidar.
Dicionário Michaelis Online (2015)	Sf 1 Cavidade abdominal do homem e dos animais, que contém o estômago e os intestinos: A barriga doía de tanto rir, eu falei que ia no banheiro mijar e já voltava (CFA). Três filhotes de dobermann passam correndo entre as suas pernas e deslizam de barriga nos ladrilhos (CB). 3 Qualquer parte que sobressai: A costura da barra ficou com uma pequena barriga. **Barriga de aluguel**: procedimento em reprodução humana em que uma mulher empresta seu útero para gerar uma criança de um casal em que a mulher padece de alguma disfunção e está impossibilitada de fazê-lo. **Carregar uma barriga**: estar grávida. **De barriga**: grávido; prenhe. **Estar de barriga**: estar grávida: – Está de barriga. E afastou-se, sem um gesto de surpresa, nem de censura (AA1). **Pegar barriga:** ficar grávida.
Dicionário Priberam Online da Língua Portuguesa (2008/2021)	*substantivo feminino* 1. Cavidade abdominal. = ABDOME, VENTRE 2. Parte exterior que cobre essa cavidade. = PANÇA 3. Estado de gravidez (ex.: *barriga de nove meses*). = PRENHEZ 4. Parte bojuda saliente (ex.: *a parede tem uma barriga*). = BOJO, SALIÊNCIA **barriga de aluguel** Mulher que engravida e mantém a gravidez com objetivo de, após o parto, entregar a criança recém-nascida a uma família onde esta será criada. **de barriga** [Informal] Em estado de gravidez (ex.: *ela está de barriga*). = GRÁVIDO, PRENHE

Fonte: Elaboração dos autores, a partir das definições fornecidas pelos referidos registros lexicográficos.

O Aulete Digital (2006) fornece dez definições para o item lexical *barriga*. Todavia, optamos por analisar somente aquelas que evidenciam alguma relação de sentido com o referente nomeado. O mesmo critério foi adotado para os demais dicionários. Em uma das acepções do Aulete Digital (2006) para *barriga,* podemos notar que essa variante já possui significado dicionarizado compatível com o referente *parte do corpo da mãe onde fica o bebê/ nenê antes de nascer*, apesar de outras acepções desse dicionário apontarem para um conceito mais genérico, uma região maior do corpo que abarca uma diversidade de órgãos. Além disso, o Aulete Digital (2006) traz em suas acepções para *barriga* uma série de unidades fraseológicas – compostas por mais de um item lexical – que refletem relação direta com o referente em destaque, *barriga de aluguel, carregar uma barriga e pegar barriga*, fraseologismos esses que se referem ao estado da gravidez, sendo a *barriga* a parte do corpo da mãe onde fica alojado o bebê até nascer, o que reforça o *status* de criatividade e inovação por parte dos falantes.

Barriga, em uma das definições do Michaelis Online (2015) (de um total de sete acepções, apenas duas se relacionam ao teor da pergunta em análise), é definida de forma genérica e hiperonímica, como uma cavidade que contém órgãos tais como estômago e intestinos, exemplificando, ainda, com a expressão popularesca A barriga doía de tanto rir. Nesse caso, o dicionário não apresenta definição que se aplique à nomeação do conceito expresso na pergunta 113 QSL/ALiB. Porém, traz à tona, novamente, unidades fraseológicas também registradas por Aulete Digital (2006), além de duas outras, como *de barriga* e *estar de barriga*, ambas também se referindo ao estado de gravidez.

Na definição do Priberam Online (2008/2021), que disponibiliza quatro definições para *barriga,* apresentadas de modo hiperonímico em relação ao conceito expresso na questão 113 QSL/ALiB, porém, há, ainda, a referência de que pode ser Estado de gravidez (ex.: barriga de nove meses). = PRENHEZ, diferenciando-se por estar descrito como um estado, e não uma parte do corpo físico, ainda que relacionando-se com a temática supracitada na questão em exame. Vale ressaltar que o Priberam Online (2008/2021) é um dicionário que é mais voltado para a variante lusa da língua portuguesa. Isso fica claro nas acepções fornecidas pelo dicionário que são mais próximas

do recorte cultural e do universo lexical do português europeu. Novamente, aparecem os fraseologismos *barriga de aluguel* e *de barriga*.

No quadro 5, por fim, explicitamos as acepções para *ventre* fornecidas pelos registros lexicográficos consultados.

Quadro 5. Acepções para *ventre* nos registros lexicográficos analisados.

Dicionário Caldas Aulete Digital (2006)	sm. 1. Anat. Parte do corpo onde ficam os órgãos dos sistemas digestório e reprodutor e os geniturinários; ABDOME 3. Barriga*: Fez uma cirurgia plástica para perder as gorduras do ventre.* 4. O útero (ventre matriz): Sim, senhora, pergunto se não teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra? Natividade, (...), respondeu que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônias (...). (Machado de Assis, *Esaú e Jacó*))
Dicionário Michaelis Online (2015)	ven·tre sm 1 A cavidade do corpo humano ou animal, dentro da qual estão os principais órgãos do aparelho digestivo e geniturinário; abdome. 2 V útero.
Dicionário Priberam Online da Língua Portuguesa (2008/2021)	1. Cavidade do corpo onde estão o estômago e os intestinos. 2. Região do corpo onde está situada essa cavidade; barriga; abdome. 6. Útero.

Fonte: Elaboração dos autores, a partir das definições fornecidas pelos referidos registros lexicográficos.

Com relação às definições para *ventre* no Aulete Digital (2006), das sete fornecidas pelo dicionário, selecionamos as três mais relevantes para este estudo. Duas delas se referem de modo geral (hiperonímico) a *ventre*, como um sinônimo de *barriga*, aquela região mais geral do abdômen que aloja órgãos do corpo humano, incluindo o útero. A quarta acepção se refere especificamente a *útero*, sendo fornecido, inclusive, um exemplo de uso da variante *ventre* em diálogos da literatura brasileira, no século XIX, o que reforça o caráter conservador dessa variante, presente há pelo menos dois séculos no léxico português do Brasil.

O Michaelis Online (2015), por sua vez, registra onze definições para *ventre*, das quais selecionamos duas. A primeira se refere de modo geral à

cavidade do corpo humano que aloja órgãos como o útero. A segunda definição é do tipo sinonímica com o mesmo sentido de útero.

No Priberam (2008/2021), das oito definições fornecidas, apenas as três elencadas no quadro 5 se aplicam a este estudo. As acepções 1 e 2 são de caráter mais genérico, enquanto na acepção 6, novamente aparece uma definição sinonímica para útero, reforçando o caráter variável desse referente e a legitimidade da variante *ventre*, dicionarizada de modo mais específico e próximo a útero do que *barriga*.

Considerações Finais

Após a discussão dos dados, verificamos que as denominações útero, *barriga* e *ventre*, respectivamente, foram as mais produtivas para nomear a parte do corpo da mãe onde fica o bebê/nenê antes de nascer no interior de Mato Grosso do Sul, ficando bastante evidente a primazia de útero na norma lexical geral dessa região.

Quanto a possíveis marcas de regionalidade, constatamos a difusão de *ventre* somente na mesorregião Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, em Nioaque e Ponta Porã, o que pode ser compreendido como um indício de que essa variante faz parte da norma lexical regional desse espaço geográfico, tendo em vista a sua presença tanto no léxico de jovens quanto no de idosos.

Diatopicamente, falantes de Coxim e de Paranaíba apresentaram indícios de uma norma lexical mais coesa e unificada ao denominar o referente contemplado pela pergunta 113/QSL ALiB, à medida que apenas duas variantes lexicais foram coletadas nessas comunidades de fala: *barriga e útero*. Corumbá e Nioaque, por sua vez, exibiram grau médio de heterogeneidade lexical neste universo de investigação, apresentando uma norma lexical mais aberta à inovação do que a de Coxim e de Paranaíba. Contudo, a comunidade de fala de Ponta Porã foi a que evidenciou maiores índices de heterogeneidade denominativa, com o registro de cinco variantes lexicais, além da menor frequência de uso da forma útero, unidade léxica mais amplamente difundida na norma lexical dos falantes sul-mato-grossenses, naturais das localida-

des pesquisadas. Essa variante, em Ponta Porã, aponta para a existência de um processo de covariação com a forma *barriga*.

A análise de cunho diassexual, se concatenada ao que se verificou na análise léxico-semântica e etimológica, revela que tanto homens quanto mulheres fazem uso em maior escala do item lexical útero para denominar a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer*, sendo a variante com datação mais recente no dicionário etimológico de Cunha (2010), além de ser a forma mais propícia a contextos terminológicos da área médica, o que demonstra certo grau de formalidade na categorização da realidade por parte do grupo de falantes em questão. As mulheres, porém, destacam-se no quesito inovação lexical, no âmbito deste universo de pesquisa, tendo em vista que apresentaram maior heterogeneidade de denominações para o referente em questão do que os homens.

Aferindo-se, por fim, indícios de mudança lexicais em tempo aparente por meio da comparação do léxico utilizado por jovens e idosos no universo desta pesquisa, percebemos que não há tanta homogeneidade no universo lexical de jovens ou idosos, que sustentem a tese da existência de mudanças lexicais em curso.

Na verdade, a variável que mais demonstrou resultados concretos foi a sexo, por meio da qual podemos mensurar que as mulheres possuem um léxico mais diversificado que os homens no interior sul-mato-grossense, o que, todavia, não sugere processo de mudança. Um fato curioso, contrastando o vocabulário dos informantes dos dois sexos, de forma a cruzar esses dados com a variável faixa etária, é que homens idosos e mulheres jovens se mostraram mais criativos nas denominações e com vocabulário mais diversificado do que homens jovens e mulheres idosas.

Em síntese, o estudo permitiu verificar traços de unidade e diversidade linguística, conservadorismo e inovação no nível lexical e, principalmente, descrever uma amostra da norma lexical de falantes do interior do estado de Mato Grosso do Sul, uma norma diversa, refletida nas denominações para a *parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer*.

Referências

BRANDÃO, S. F. *A geografia lingüística do Brasil.* São Paulo: Ática, 1991.

CALDAS AULETE. *Aulete Digital.* Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2006. Disponível em: http://www.aulete.com.br/index.php . Acesso em: 23 fev. 2021.

CARDOSO, S. A. M. *Dialectologia*: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. D.E.L.T.A., 17(3): Número Especial, p. 25–44, 2001. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39572/26797. Acesso em: 03 maio 2022.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. *Percursos da Geolinguística do Brasil.* Lingüística, Montevideo, v. 29, n. 1, p. 115–142, 1 jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S-2079-312X2013000100006. Acesso em: 04 maio 2022.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*: Antecedentes e Estágio Atual. Alfa, São Paulo, 56 (3): 855–870, 2012. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4924/4364. Acesso em: 04 maio 2022.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil.* Questionários 2001. 2 ed. Londrina: EDUEL, 2001.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa.* 4ª ed., revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. *Para conhecer norma linguística.* São Paulo: Contexto, 2017.

GUÉRIOS, R.F.M. *Tabus Linguísticos.* 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1979.

IORDAN, I. *Introdução à Linguística Românica.* 2ª ed. Tradução Julia Dias Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

ISQUERDO, A. N. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. *Alfa*: Revista de Linguística (UNESP. Impresso), v.

50, p. 09–23, 2006. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1408/1109. Acesso em 04 maio 2022.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos.* Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MICHAELIS, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.* Editora Melhoramentos LTDA., 2015. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/. Acesso em: 23 fev. 2021.

ORSI, V. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? *In*: GONÇALVES, A.V.; GÓIS, M.L.S. *Ciências da linguagem*: o fazer científico?. v. 1. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. p. 163–177. Série Estudos da Linguagem.

PORTO, C. C. *Semiologia Médica.* Ed. Guanabara Koogan, 5ª ed, 2005.

PRETI, D. *Sociolinguística*: os níveis de fala. 9ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2003.

PRIBERAM. *Dicionário da Língua Portuguesa.* [em linha], 2008–2020. Disponível em: https://dicionario.priberam.org. Acesso em: 24 fev. 2021.

ROMANO, V. P. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. *Papéis*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS. Campo Grande/MS. v. 18, n. 35, 2014, p.135–153. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/download/3017/2445/. Acesso em: 04 maio 2022.